A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES FRENTE AOS NOVOS DESAFIOS EDUCACIONAIS: O ENSINO-APRENDIZAGEM NA ERA TECNOLÓGICA

TATIANE PERES ZAWASKI
LUANA BARTH GOMES
GILBERTO FERREIRA DA SILVA
CLEDES ANTÔNIO CASAGRANDE
Universidade La Salle

RESUMO

O objetivo do estudo foi analisar se os professores utilizam estratégias tecnológicas de ensino, atentando para a necessidade de formação continuada sobre o tema. Utilizamos o questionário (FLICK, 2013) como instrumento de investigação. Constatamos, através dos dados obtidos, que emerge a necessidade de formação continuada sobre o tema abordado. Para análise dos dados, nos fundamos nas pesquisas de Bacich, Tanzi Neto & Trevisani (2015); Gómez (2015), Horn e Staker (2015) e Imbérnon (2010).

Palavras-chave: *Ensino, Tecnologia, Formação.*

Área Temática: Ciências Humanas

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo parte de uma problemática que circunda o contexto educacional. Constatamos que com o advento tecnológico o acesso às informações tornou-se muito rápido e, assim, o conhecimento é mais acessível, principalmente aos educandos. Contudo, o imediatismo tem prejudicado a aquisição de certas habilidades e do gerenciamento do excesso de estímulos recebidos pelos jovens. Gómez (2015) destaca que as novas gerações não possuem carência de informações, contudo, não conseguem se organizar significativamente quanto à relevância ou não das mesmas. Assim, cabe ao educador, utilizar essas novas metodologias em suas aulas e, auxiliá-los no processo de significação do conhecimento quanto à utilização das mesmas.

Nesse sentido, partimos da seguinte situação problema: os educadores do ensino básico possuem formações específicas para que utilizem em suas práticas cotidianas estratégias tecnológicas? Desse modo, o objetivo do artigo foi investigar se os professores de uma escola de educação básica, da rede Estadual de ensino, utilizam estratégias tecnológicas no contexto escolar, questionando-os sobre o processo formativo para a efetivação destas.

A seguir, percorreremos por alguns conceitos sobre o tema abordado, por meio de uma pesquisa bibliográfica de autores e pesquisadores sobre o assunto. Posteriormente, faremos uma análise juntamente a discussão dos dados coletados e, por fim, constarão nossas considerações finais acerca deste estudo.

2. REVISÃO

2.1. Os desafios dos educadores na era digital

Vivemos em uma era em que o advento tecnológico nos surpreende com diversas informações, advindas de buscas constantes nos meios eletrônicos, que, muitas vezes, chegam a nós sem que nos detenhamos em sua busca. O acesso ao conhecimento e as informações é muito simples, onipresente e acessível, o que nos proporciona certa comodidade, já que este é imediato. Apesar de toda essa facilidade, se faz necessário que o educador esteja atento e possa selecionar em meio ao excesso de novidades o que realmente é útil, verdadeiro e pode auxiliá-lo em seu trabalho dentro da sala de aula.

De acordo com Gómez (2015), vivemos em uma aldeia global, onde as mudanças são rápidas e afetam nossas formas de ver, agir, pensar e expressar. Baseados em todos esses movimentos, cabem aos educadores se inserirem nesta dinâmica mutável e aprimorarem suas práticas cotidianas em sala de aula.

Gómez (2015) destaca que a globalização mudou a maneira de trabalho, comunicação e vida, fatores que de certa forma nos forçam uma mudança nas atitudes docentes. O autor também ressalta que a capacidade de usarmos as tecnologias da informação é mais decisiva a cada dia, de forma que com o passar do tempo muitas atividades serão acessíveis somente por meio da rede.

Com todas essas transformações emerge a necessidade de formarmos novos cidadãos para viver em ambientes digitais em que permeiam possibilidades e riscos desconhecidos. Nas instituições escolares a tecnologia não pode mais ser considerada um método de transporte de informações, mas uma possibilidade de participação ativa dos sujeitos frente a gama de conhecimentos possíveis. Assim, Gómez (2015) nos traz uma definição da internet:

> A internet, portanto, não é um depósito inesgotável de informações e uma mais ou menos ordenada ou caótica base de dados, conceitos e teorias, uma biblioteca excelente e viva ao alcance de todos e todas, mas, sobretudo, é um espaço para interpretação e ação, um poderoso meio de comunicação, uma plataforma de intercâmbio para o encontro, a colaboração em projetos conjuntos, a criação de novas comunidades virtuais, a interação entre iguais próximos ou distantes, o projeto compartilhado e organizado de mobilizações globais, bem como a expressão individual e coletiva dos próprios talentos, sentimentos, desejos e projetos. (GÓMEZ, 2015, p. 21)

Concebendo a internet como um espaço interacional, corroboramos com Horn e Staker (2015) que destacam a necessidade de mudança nas instituições escolares, já que toda a gama de transformações digitais está mudando a forma como o mundo aprende. Segundo os autores:

> [...] se esperamos que todas as crianças sejam bem-sucedidas na escola e na vida, então precisamos ser capazes de customizar – ou personalizar – uma educação de diferentes necessidades de aprendizagem de cada estudante. (HORN; STAKER, 2015, p. 8)

O desafio que recai sobre a instituição escolar hoje é a formação do corpo docente para este novo mundo em que novas possibilidades surgem no processo de

ensinar e aprender. Nas práticas educacionais as transformações devem ser significativas, de forma que os olhos docentes devem ser educados, vislumbrando uma nova maneira de enxergar para reinventarmos a escola (GÓMEZ, 2015).

A reinvenção da escola, com uma constante formação de seu corpo docente, capacitará o educador para que este estimule o conhecimento, as habilidades, os valores e emoções necessários na convivência dos contextos sociais incertos e saturados de informações, como a internet. Assim, destacamos os apontamentos de Imbernón (2010) quando o autor aponta que a formação continuada e a capacitação docente devem ser assumidas como fundamentais, para que seja alcançado o sucesso nas reformas educacionais emergentes. Abaixo abordaremos o ensino híbrido, concebendo-o como uma estratégia de ensino-aprendizagem.

2.2. Ensino Hibrido: novas formas de ensinar e aprender

Nos últimos anos vem se acentuando diversas pesquisas e estudos sobre o ensino híbrido. Mas o que realmente é o ensino híbrido? Para tanto, necessitamos resgatar o significado da palavra híbrido para melhor compreendermos seu uso no meio educacional. Esse termo foi realocado da biologia para diferentes contextos. Conforme Canclini (2015, p. XXI)

> Desde que, em 1870, Mendel mostrou o enriquecimento produzido por cruzamentos genéticos em botânica, abundam hibridações férteis para aproveitar características de células de plantas diferentes e melhorar seu crescimento, resistência, qualidade, assim como o valor econômico e nutritivo dos alimentos derivados delas.

Na biologia, a hibridação é a mestiçagem das plantas para inovar e melhorar a produtividade. Nos campos social e cultural, esse termo é visto como a incorporação de novos elementos na cultura, que agregam seu valor, sem que esta se modifique por conta disso. De acordo com Canclini (2015, p. XIX) hibridação são "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas". Ou seja, quando nossa cultura se apropria de elementos que antes não faziam parte da mesma e os adapta para uso próprio, está ocorrendo a hibridação.

A educação também importou esse termo para dar conta das novas práticas pedagógicas. Conforme Christensen, Horn & Staker (apud Morán, 2015, p. 25)

> O ensino híbrido é um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino online, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo, e pelo menos em parte em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência.

O ensino híbrido é uma estratégia que envolve as modalidades presencial, em sala de aula e, também, on-line, por meio de ferramentas digitais. Esse formato visa atualizar as práticas pedagógicas ao novo contexto em que se dá a aprendizagem na contemporaneidade.

Recorrendo a Bacich; Tanzi Neto e Trevisani (2015), entendemos que o processo de ensino ocorre de diversas formas, em todos os momentos e em múltiplos espaços. Segundo os autores, a educação híbrida pode ocorrer em momentos distintos e

em todos os ambientes, seja em sala de aula, ou por meio de instrumentos tecnológicos. Esta metodologia objetiva um melhor aproveitamento de cada estilo de aprendizagem dos alunos, proporcionando um aprendizado mais amplo e profundo.

O formato de ensino híbrido visa propiciar ao educando momentos individuais de estudo, estimulando-o a buscar novas fontes de informação e ter períodos de trocas e interações, seja com os professores, seja com os colegas ou, até mesmo, com outras pessoas. Para o ensino híbrido todos nós somos aprendizes e mestres, consumimos e produzimos informações, como apontam os autores:

> Aprendemos por meio de processos organizados, junto com processos abertos, informais. Aprendemos quando estamos com um professor e aprendemos sozinhos, com colegas, desconhecidos. Aprendemos de modo intencional e de modo espontâneo, quando estudamos e também quando nos divertimos. Aprendemos com o sucesso e com o fracasso. (BACICH, TANZI NETO & TREVISANI, 2015, p. 28)

No ensino híbrido o currículo pode ser mais flexível, com um planejamento visando os conhecimentos fundamentais para todos, porém, permitindo, ao mesmo tempo, uma personalização de caminhos que visem o atendimento das reais necessidades de cada aluno. Para Aranha (2015), o ensino híbrido também prevê nas metodologias aulas dinâmicas e tradicionais, o que diferencia a metodologia tradicional é a inserção de atividades colaborativas, com aparatos eletrônicos, que permitem uma relação interpessoal intensa entre os participantes.

Com o ensino híbrido é possível integrar as áreas em espaços e tempos distintos. O modelo curricular predominante é mantido, o que difere é a priorização de um envolvimento maior do aluno com metodologias ativas e com o ensino por meio de projetos interdisciplinares.

Enquanto educadores, atentamos que o maior desafio é apender para a transformação e, em pessoas mais humanas, colaborando para que os alunos possam por em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, de forma que esses façam sentido em suas vidas. Segundo os autores Bacich, Tanzi Neto & Trevisani:

> Aprendemos mais e melhor quando encontramos significado para aquilo que percebemos, somos e desejamos, quando há alguma lógica nesse caminhar – no meio de inúmeras contradições e incertezas - , a qual ilumina o nosso passado e presente, bem como orienta nosso futuro. (BACICH, TANZI NETO & TREVISANI, 2015, p. 30)

Nesse sentido, o desafio da escola atual é capacitar os alunos a darem maior significação às coisas aprendidas, compreendendo-as e contextualizando-as de uma forma mais integradora. Morán (2015, p. 25) defende que

> O que as tecnologias em rede nos permitem é não só trazer o bairro e a cidade, mas também o mundo inteiro, em tempo real, com suas múltiplas ideias, pessoas e acontecimentos numa troca intensa, rica e ininterrupta. As tecnologias ampliam as possibilidades de pesquisa online, de trazer materiais importantes e atualizados para o grupo, de comunicar-nos com outros professores, alunos e pessoas interessantes, de ser coautores, "remixadores" de conteúdos e de difundir nossos projetos e atividades, individuais, grupais e institucionais muito além das fronteiras físicas do prédio.

As metodologias devem acompanhar os objetivos que se pretende atingir. Só assim formaremos educandos proativos e criativos que experimentem novas possibilidades como sujeitos ativos e atuantes.

A seguir, refletiremos sobre a importância da formação de professores no que se refere à busca de metodologias diferenciadas, que atendam a demanda de alunos recebida na escola na atualidade.

2.3. Formação continuada de professores: buscando a inovação no ensino

Imbernón (2010) aponta que a institucionalização da formação continuada de professores nasceu com a intenção da adequação do corpo docente aos tempos atuais. Para o autor, a capacitação, por meio de um constante aperfeiçoamento de sua prática, é capaz de adaptar o educador às necessidades presentes e futuras.

Segundo este mesmo autor, a formação continuada é fundamental, já que por meio dela ocorrerão as reformas educacionais tão necessárias em nossa sociedade. A busca por uma inovação do ensino permeia entre os processos de ação e reflexão de práticas cotidianas de sala de aula. Para que possamos aprender é necessário mudar nosso olhar de educador, como bem aponta Gómez (2015).

Em tempos em que a tecnologia faz-se presente nos cotidianos educacionais, refletir sobre seus benefícios e malefícios é necessário, principalmente para que possamos ter argumentos condizentes e, assim, abordarmos o assunto em nossas salas de aula. Os profissionais que estão em processo de formação hoje, já estão acostumados com a tecnologia, de forma que em suas metodologias percebemos a inserção das mesmas em suas práticas.

O fator preocupante é que algumas escolas ainda contam com profissionais graduados e especialistas antes deste advento tecnológico, sendo que muitos ainda resistem ao uso destas tecnologias. É nesse sentido que este artigo requer a reflexão, já que temos uma nova cultura formadora que emerge por práticas que visem novas metodologias.

Imbernón (2010) destaca a importância das escolas criarem espaços de reflexão e participação, onde os professores “aprendam” por meio da análise e reflexão de situações problemas trazidos pelos colegas. Nesses espaços de formação poderão ser construídos projetos interdisciplinares, em que um professor do âmbito tecnológico auxilie o professor não tecnológico a inserir em suas aulas novas formas de aprendizagem, com práticas cujas metodologias ativas estejam presentes e tornem-se atrativos aos educandos.

Segundo Gómez (2015) os educadores têm que ser aprendizes permanentes dos processos de aprendizagem dos alunos e de transformações da educação. O autor aponta que uma das competências fundamentais da atuação docente é a de investigação de sua prática, como forma de comprometer-se com a aprendizagem e o desenvolvimento dos educandos.

É nesse sentido que Imbernón (2010) destaca que nos encontros de formação continuada há uma fomentação do desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos professores, como forma de transformação de suas práticas. Possibilitar ao professor encontros de trocas de experiências é motivá-los, mostrando que, independente das situações institucionais, há a possibilidade de tornar o ensino eficiente, trabalhando para

formar um aluno protagonista que saiba o que fazer com o conhecimento aprendido na escola.

A seguir analisaremos algumas estratégias de ensino, as quais podem repercutir como uma mudança do processo de atuação docente.

2.4. Planejamento de mudança na ação docente: algumas estratégias de ensino

A mudança dos sujeitos, quanto a sua atuação no mundo só será capaz se oportunizarmos aos educandos novas práticas educacionais. Como abordamos no decorrer deste estudo, novas práticas são necessárias, já que o conhecimento pode ser adquirido em qualquer espaço, a qualquer tempo.

Bacich, Tanzi Neto & Trevisani (2015) apontam o papel do professor como um curador e, ao mesmo tempo, orientador do processo de ensino. Para os autores ele é um curador, já que necessita selecionar as informações relevantes e, é orientador, pois os ajuda a encontrar um sentido para o conhecimento adquirido.

Gómez (2015) nos faz refletir sobre o conhecimento. O autor aponta que ele só tem valor usual se nos possibilitar a descoberta e a criação de novos horizontes para a resolução de problemas. Pensando sobre essas possibilidades, traremos, a seguir, algumas sugestões de atividades que, por meio de pesquisas, foram consideradas facilitadoras da aprendizagem.

Como forma de inovar o ensino em sala de aula, bem como facilitar o processo de aprendizagem, refletiremos sobre algumas estratégias diferenciadas de ensino, as quais são possíveis aliar as tecnologias, despertando o interesse dos educando e, ao mesmo tempo, tornando-os protagonistas e sujeitos ativos na aquisição do conhecimento.

A primeira estratégia é a “Sala de aula invertida”. Com o objetivo de mudar os paradigmas do ensino presencial, a sala de aula invertida possibilita que o aluno reflita sobre o conteúdo e, após, possa discutir sobre o mesmo com o professor. Para Bergmann e Sams (2016), esta estratégia possibilita maior autonomia ao educando e o ajuda no desenvolvimento do senso de responsabilidade sobre o próprio processo de aprendizagem. Por meio da interação do aluno com o professor e com o conteúdo, há a possibilidade do professor orientar os mesmos em suas dificuldades.

A segunda estratégia é “Aprendizagem por meio de problemas”. Esta estratégia surgiu no Canadá, no curso de Medicina, contudo, segundo Aranha (2015), ela está sendo aplicada em diversas áreas de ensino. O objetivo é o estimulo ao aluno para que este aplique os conceitos aprendidos na resolução de problemas reais ou hipotéticos. Para o autor, o trabalho com a solução de problemas proporciona ao educando o desenvolvimento de habilidades estratégicas e o senso crítico, absorvendo o conteúdo de forma mais eficiente.

A terceira estratégia é o uso de “Mapas Mentais” durante as aulas. Esses mapas mentais são diagramas que tendem a promover o encadeamento do raciocínio de determinados conteúdos. De acordo com Buzan (2009), os mapas possibilitam o uso de todas as habilidades cerebrais, já que a sua construção parte de palavras, imagens e muitas cores. O autor destaca que o mapa mental dá ao professor uma visão do todo, torna o ensino e o aprendizado um processo mais estimulante, prazeroso e eficiente.

Além das três estratégias abordadas acima há muitas outras que podem ser experimentadas e praticadas em sala de aula. Dentre elas destacamos os quadrinhos, os

jogos, os vídeos, debates, linhas do tempo, infográficos e os livros e cadernos digitais. Muitas dessas estratégias contam com programas tecnológicos gratuitos que podem auxiliar o processo de criação.

De acordo com Bacich, Tanzi Neto & Trevisani (2015), a integração das tecnologias digitais no planejamento dos professores precisa ser realizada de modo criativo e crítico. Usar as tecnologias é propiciar diferentes possibilidades de trabalhos educacionais significativos. Para os autores aulas com metodologias ativas ajudam a prender a atenção e o foco dos alunos e constituem uma possibilidade de aprender de forma autônoma e criativa.

As metodologias ativas propiciam ao educando a possibilidade de tornar-se protagonista na aquisição de conhecimentos, proporcionando a aprendizagem significativa e interessante aos seus olhos.

3. METODOLOGIA

O material que compõem o corpus da pesquisa é constituído por uma pesquisa qualitativa (LÜDCKE E ANDRÉ, 1986). Foi realizada uma pesquisa de levantamento padronizada, por meio de questionários (FLICK, 2013). O objetivo de ser escolhida esta metodologia de pesquisa foi a praticidade no acesso ao levantamento de dados, uma vez que, como aponta Flick (2013), por meio dos questionários podemos fazer um estudo comparativo que atenda aos objetivos dessa investigação.

São participantes desse estudo vinte e cinco professores da educação básica, do Ensino Fundamental, Anos Iniciais e Finais, de uma escola da Rede Estadual de Ensino, do município de Canoas. A pesquisa foi aplicada durante uma reunião de formação, no mês de julho do ano de 2017. Os professores foram orientados quanto ao preenchimento do questionário, sendo que o mesmo deveria ser entregue ao final da formação.

O objetivo desta pesquisa foi analisar se os professores utilizam estratégias tecnológicas de ensino, assim como se reconhecem ou não a necessidade de formação continuada para o desenvolvimento de um trabalho que atenda essas demandas tecnológicas. A presente pesquisa compreende uma análise do referencial bibliográfico do assunto, a aplicação do questionário e, por fim, o processo de análise dos dados obtidos.

Após o processo de geração de dados, analisamos os resultados obtidos, por meio da análise de conteúdo de Bardin (1995). Esse processo foi desenvolvido por meio de três fases, sendo que a primeira, denominada pré-análise (BARDIN, 1995), onde o material foi analisado, neste caso, os questionários aplicados com os sujeitos da pesquisa. A segunda fase, denominada exploratória (BARDIN, 1995), foi o momento da tomada de decisões, onde os materiais foram selecionados para, então, finalmente, serem analisados. Por fim, a fase do tratamento de resultados (BARDIN, 1995) foi o momento em que os conteúdos explorados tornam-se úteis, significativos e válidos.

3.1. Análise e discussão dos dados

Dentre as questões abordadas no percurso de pesquisa, nossas primeiras fontes de investigação foram o tempo em que os educadores atua na docência e o nível de escolaridade dos mesmos. Constatamos que grande parte dos docentes estão nessa escola há menos de cinco anos (28%), há mais de vinte anos (28%) e entre seis e dez anos (26%). Nesta perspectiva, acreditamos que os educadores com menor tempo de

atuação, se possuem formações recentes, já introduzem em suas aulas metodologias ativas e diferenciadas, podendo, inclusive, incentivar os demais na inserção das mesmas em suas aulas.

Os professores atuantes nessa escola possuem, em sua grande maioria graduação (60%) e especialização (36%). Quanto ao nível de escolaridade, percebemos que a maioria dos educadores pesquisados não deram sequência aos estudos, como a formação continuada, que vise um aprimoramento das práticas docentes. Recorrendo a Nóvoa (1991) entendemos que a formação continuada deve alicerçar-se em uma reflexão na atuação sobre a prática, por meio de dinâmicas de investigação-ação-formação, valorizando os saberes de que os professores são portadores, porém, agregando outros que ainda se fazem necessários.

Ao questionarmos se os educadores acham importantes as práticas de formação continuada, 92% dos pesquisados afirmam sua importância. Entretanto, poucos procuraram cursos de formação e, a maior parte dos docentes, detém-se apenas as reuniões formativas, ministradas na escola, as quais, nem sempre, trazem os conhecimentos atuais que são necessários para a melhoria do seu trabalho. Ao perguntarmos se nas reuniões pedagógicas era trabalhado o tema tecnologia, 92% negaram.

Ao serem questionados se conhecem as metodologias ativas, o público pesquisado aponta que não as conhece (92%), assim como também dizem não terem ouvido falar em “Ensino Híbrido” (92%).

Metodologias diferenciadas em sala de aula não são um fator novo, como menciona Bacich, Tanzi Neto & Trevisani (2015). Os autores destacam que Decroly, conhecido teórico da educação, já propunha, em sua época, uma organização dos espaços da sala de aula com formas diferenciadas, de acordo com as necessidades dos alunos. No Brasil, as “Metodologias Ativas” e o “Ensino Híbrido”, são estratégias interativas de ensino, contudo, já vêm de um longo processo de pesquisas, que não podem ser consideradas “novidade” para quem atua em sala de aula.

Mais uma vez, salientamos a importância dos cursos de formação continuada, pois nesses movimentos há trocas e reflexões em que permeia a busca pela valorização do ensino crítico, que é desenvolvido por meio da interação e das trocas, já defendidas por Vygotsky (2007). Corroboramos, assim, com Moran, Masseto e Behrens (2013) quando os autores apontam que a escola deve ser transformada em um espaço de aprendizagens significativas, presenciais e digitais, que motivem aos educandos no conhecimento ativo de pesquisa. Entretanto, para que esta aprendizagem significativa ocorra, o professor deve refletir sobre seu papel no ensino, na busca por uma educação que forme um aluno proativo, crítico e reflexivo.

Ao questionarmos os educadores se em suas práticas são contempladas diferentes metodologias, apenas 16% relatam trabalhar com práticas diferenciadas. Ao perguntarmos sobre quais instrumentos facilitadores de aprendizagem os educadores utilizam em suas aulas, 60% mencionou usar o livro didático, 16% cópias de conteúdos e 12% jogos educacionais, entre outros recursos menos utilizados.

Observamos que o livro didático é visto como facilitador da aprendizagem. Sabemos que os livros são instrumentos de auxílio em aula, porém, facilitar a aprendizagem é promover uma reflexão de conteúdos, ressignificando o conhecimento, como destacado por Berbel (2011).

Refletir sobre novas metodologias de ensino é fundamental na ação docente. Esta reflexão pode ocorrer com os processos de formação continuada, seja na escola, em cursos de formação, em Especializações ou em Programas de Mestrado e Doutorado. O fato é que o professor, enquanto agente de transformação (Vygotsky, 2007), deverá sempre buscar novas formas de ensinar, a fim de promover uma aprendizagem significativa aos educandos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer deste estudo, por meio do aporte teórico, assim como da pesquisa qualitativa, constatamos que há muito que caminharmos quando o assunto é a inserção de metodologias de cunho tecnológico na educação. Segundo Antunes (2013), cabe ao educador diversificar as atividades de sala de aula, de modo que sejam propostos desafios aos educandos que explorem linguagens alternativas, como o uso das tecnologias em sala de aula.

Concebendo o conhecimento como um processo que não é estático (ANTUNES, 2013), entender-se-á que a prática educacional também deve passar por uma evolução com estratégias e metodologias diferenciadas que atendam a demanda de educandos que recebemos hoje.

Como demonstrado na pesquisa, a utilização de metodologias diferenciadas ainda sofre certa resistência por parte de algumas instituições. E, aqui, reforçamos mais uma vez a necessidade de reflexão dos educadores sobre suas práticas. Enquanto professores faz-se importante desenvolvermos uma postura reflexiva de compreensão, despertando em cada educando a sede e a busca pelo conhecimento, ou seja, aprender a aprender (ANTUNES, 2013).

Mais uma vez apontamos, é primordial a reflexão sobre a inserção de novas metodologias em sala de aula, mas isso só será possível por meio de uma ponderação de práticas cotidianas, em momentos em que os educadores possa fazer uma reavaliação de sua atuação docente. Essa reflexão pode ocorrer em momentos de intensas discussões na busca de melhores alternativas de ensino, seja por meio de curso de formação de professores internos ou externos.

Para Imbernón (2010), é importante o estabelecimento de redes de trocas, com vistas a unir a formação à projetos de mudança no contexto de trabalho educativo. É uma análise onde o autor destaca que o docente desaprende para poder reaprender. Assim, a formação continuada começará a ser concebida como fundamental para que se possa alcançar o sucesso nas práticas educacionais, pois como bem aponta Dewey (apud Imbérnon):

> O conhecimento como ato é trazer à consciência algumas de nossas disposições, com intuito de resolver uma perplexidade, concebendo a conexão existente entre nós mesmos e o mundo em que vivemos. (IMBERNÓN, 2010, p. 39)

Por fim, entendemos que ao término deste estudo nossas inquietações sobre a necessidade de formação ainda vão permear nas práticas em sala de aula. Entretanto, movidos pelo desejo de que os educadores possam refletir sobre a necessidade de buscar novas metodologias, para o desenvolvimento integral dos educandos, continuaremos pesquisando sobre o tema. Por meio desse estudo, estamos cada vez mais cientes de que

os momentos de formação continuada auxiliam no planejamento das aulas, de forma que as trocas e interações com demais educadores podem propiciar uma constante reflexão sobre as práticas cotidianas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ARANHA, Francisco. **Revista Ei** – Ensino Inovativo. Volume Especial – Tecnologia no Ensino. Fundação Getúlio Vargas – São Paulo, 2015.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. In.: Revista Semina: Ciências Sociais e Humanas. Londrina, v, 32, n.1, p.25-40, jan.-jun. 2011.

BERGMANN, Johathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. São Paulo: LTC, 2016.

BUZAN, Tony. **Mapas mentais**: métodos criativos para estimular o raciocínio e estimular ao máximo o potencial do seu cérebro. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Artmed, 2013.

GÓMEZ, Ángel I. Pérez. **A educação na era digital**: a escola educativa. Porto alegre: Penso, 2015.

HORN, Michael B.; STAKER, Hrather. **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORAN, J.M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M.A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2013.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (Org.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania:** aproximações jovens. V. 2. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. (Coleção Mídias Contemporâneas). Disponível em: http://rh.unis.edu.br/wp-content/uploads/sites/67/2016/06/Mudando-a-Educacao-com-Metodologias-Ativas.pdf (acesso em 11/08/2018)

NÓVOA, Antônio. **Concepções e práticas da formação contínua de professores**. In.: NÓVOA, A (org.). Formação contínua de professores: realidade e perspectivas. Aveiro: Universidade Aveiro, 1991.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.